



## "COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL  
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

# Páginas da carochinha



Está nos léxicos: comportamentos manipuladores incluem práticas como distorcer fatos ou mentir para que se aumente o poder de influência sobre os outros. É maquiavélico. E não é raro seu uso para mudar - ou tentar mudar - a história. É tirano. Afinal, povo sem memória é povo sem história. Fácil conduzi-lo como ovelha.

Exemplo clássico de manipulação da história e de seus personagens nos remetem à União Soviética de Stalin, quando o ditador mandou apagar das fotos oficiais a figura de seu principal inimigo, Trotski, expulso do comando do Exército Vermelho, reverenciado como herói pelo povo, buscando banir o ex-aliado da história socialista.

Não é preciso rebuscar balelas atravessando Urais e oceanos para nos depararmos com modelos do tipo. Aqui mesmo, no torrão agreste, podemos encontrá-los, camuflados por agudezas.

Charles Boavista, por exemplo, um fazedor de história, foi alvo dessa manipulação. Por duas vezes já flagramos a diligência. A primeira partiu de um "amigo" de velhas jornadas musicais, ao tentar se apossar da célebre "De trem pra Montes Claros" (Grupo Raizes, música e letra de Charles Boavista e Façal). "O autor, de verdade, sou eu, mas isso explico depois", disse, abusado, ao cantá-la num show. Charles deu de ombros.

A segunda tentativa teve o meu testemunho e do próprio Charles: um amigo em comum, numa mesa de bar, a todo volume, garantia ter criado o projeto "Terça Musical" - que por décadas teve enorme sucesso nas suas sessões semanais com música ao vivo no Centro Cultural (eu mesmo o produzi e o apresentei por quatro anos). Mas, vai que pega...

Só que não. Tive de desmentir o cara, observando que o criador do projeto estava bem à nossa frente. Charles apenas sorria.

Vale registrar que Boavista também foi um dos criadores da Festa Nacional do Pequi - e disso poucos se esforçam em lembrar.

São várias as tentativas que já assistimos de se tentar alterar, ou apagar alguns da história. Você deve saber de alguma, por mais simples ou banal que seja. Sei de outras, mas não caberia, agora, relatá-las.

Não custa, todavia, adiantar uma delas: a inauguração do teatro do Centro Cultural Hermes de Paula, pelo Grupo Tapuia, com a peça "A formiga que queria ser cidade e virou princesa", de Reginauro Silva, em 1979. Nos seguidos aniversários da data, comemorados desde então, o grupo nunca é lembrado, ou pelo menos mencionado, sendo a ele negada a reverência pelo feito histórico. Estranho, isso.

Assim, aos poucos os Tapuias vão sendo deixados à margem pelos burladores. Sua memória vai sendo comida pelas beiradas, como se diz num bom linguajar mineiro. As novas gerações ignoram sua existência, enquanto no subterfúgio, as narrativas se repetem ano a ano para darem a impressão de que o feito é dos que narram.

Enfim, fica o alerta: há os fazedores de história e os de estórias. Seria muito conveniente e oportuno distingui-los.

(\*) Eduardo Brasil é jornalista, teatrólogo, articulista e escreve no Portal Minas ao Norte toda semana

